

I

Deixei o carro junto da catedral e desci os degraus da Praça dos Jacobinos. Ainda chovia bastante; nunca esticara desde que eu tinha saído de Tours, e tudo o que vi daquela paisagem tão da minha preferência foi a superfície luzidia da estrada, interrompida ritmicamente pelo girar do limpador de pára-brisas.

Em Le Mans intensificou-se-me a tristeza que vinha sentindo nas últimas vinte e quatro horas. Aliás, era coisa inevitável nos finais de férias; mas, desta vez, e mais do que nunca, achei que o tempo passava muito rápido, não porque tivesse os dias excessivamente ocupados mas pela razão de não haver feito nada. As notas que tomara para as lições do próximo Outono afiguravam-se-me em demasia secas, lacónicas só com factos e datas; mais tarde precisaria envolvê-las numa linguagem capaz de interessar o espírito obtuso dos meus alunos. Mas, ainda que lhes pudesse captar a atenção por uma breve meia hora, saberia, ao terminar que não lhes tinha dito nada que valesse a pena — simples quadros de História berrantemente coloridos, figuras de cera, bonifrates. Escapava o significado exacto, porque jamais estivera bem perto do povo.

É fácil para mim perder-me num passado meio real meio imaginário, sempre que fecho os olhos ao presente. Nas cidades que melhor conheço, Tours, Blois, Orleães deixava-me ir ao sabor da fantasia, idealizando outras paredes, outras ruas, pedaços destruídos de fachadas outrora importantes, e tudo isso me parecia mais vivo do que a arquitectura verdadeira que tinha diante da vista. A sombra inspira-me confiança, ao passo que a luz crua da realidade gera a dúvida e a apreensão.

Em Blois no *château*, tacteei comovido as muralhas enegrecidas pelo fumo e não atentei nos milhares de indivíduos que por ali acaso lutavam e sofriam. O que me obcecava era a figura perfumada e coberta de jóias de Henrique III: tocava-me no ombro com a sua luva de veludo e embalava no braço, como uma criança, um cãozinho mimalho; e aquela face efeminada, de um encanto suspeito, surgiu-me mais familiar do que a máscara ansiosa dos turistas que à minha volta tiravam confeitos de sacos de papel. Mais na-

tural se me representaria ouvir um grito e assistir à morte do duque de Guise. Em Orleães cavalguei ao lado da Donzela e, como o Bastardo segurei-lhe no estribo quando ela montava, escutando o clamor da tropa e o repique dos sinos. Podíamos mesmo ter ajoelhado junto aguardando as Vozes que muitas vezes pairavam à beira da minha consciência mas que jamais se produziram. E até, saindo da igreja, observei esse andrógino de olhos puros e fanáticos acotovelando o seu mundo invisível para depois, atirado de súbito ao presente, me encontrar defronte da sua estátua, como simples historiador naquela França por quem a heroína morreria salvando-a — país agora povoado de homens e mulheres que eu nem sequer tento compreender.

Ao sair de Tours, na derradeira manhã, o meu descontentamento com as lições que daria em Londres e a certeza de que nunca, em França ou na Inglaterra, soubera auscultar o povo, tanto nas suas alegrias como nas suas dores, provocaram-me tão angustiante depressão (reforçada pela chuva que batia nos vidros do carro) que, chegando a Le Mans, embora não tencionasse parar ali para almoçar, eu logo mudei de parecer, esperançado de que assim modificava o meu estado de espírito.

Era dia de feira, e na Praça dos Jacobinos havia camiões e carroças com panos verdes a cobri-los todos parados junto aos degraus que descem da catedral, assim como renques de barracas cheias de gente. Devia ser uma das ocasiões mais concorridas, não só pela quantidade de pessoas como pelo cheiro que errava no ar, de vegetais e animais, a que se misturava o da terra encharcada e dos currais onde se acumulava o gado em incómoda camaradagem. Três homens empurravam um touro, aguilhoando-o para dentro de um camião. O pobre bicho mugia, girando de um lado para outro a cabeça amarrada à corda e bufando, recuava quando ia já prestes a entrar. Ainda lhe distingui chispas rubras nos olhos espantados quando um dos homens lhe picou as ancas com um forcado.

Ao lado de uma carroça discutiam duas mulheres de xaile negro; uma delas segurava pelos pés uma galinha, cujas asas inquietas roçavam o largo cesto de verga repleto de maçãs, ao qual a mulher se apoiava. Ao encontro de ambas veio um mocetão desajeitado, de casaco de veludo castanho, rosto purpúreo a reflectir a alegria que lhe dera a visita à taberna próxima. Os olhos enevoavam-se-lhe, o andar vacilava. Resmungou ao verificar as moedas que lhe restavam na mão espalmada — não acertara nas contas, devido sem dúvida ao calor do álcool e às nuvens de tabaco, e agora vinha questionar com a mulher e a mãe. Imaginei a casa desses aldeões, a dois quilómetros da estrada, numa vereda areenta, casa baixa caiada de amarelo, coberta de telhas, com as suas dependências dispersas, nódoa confusa no campo raso a abarrotar de abóboras que amadurecem para alimento dos animais no Inverno ou para confeccionar a sopa do seus donos.

Passei ao pé do camião e, através do largo, fui ao restaurante da esquina. De repente o Sol pálido brilhou no céu, numa aberta de nuvens. E aquela

multidão que enchia tudo, que ainda há pouco dava a impressão de sombras movendo-se incarácterísticas, principiou a tornar-se animada, ria, gesticulava, andando em torno das suas mercadorias. A luz volvera em oiro o cinzento soturno da manhã.

O restaurante estava à cunha, pesada a atmosfera com o aroma da refeição — queijos, molhos, vinho, café — e o cheiro da roupa molhada, tudo envolto no fumo azulado dos cigarros gauleses.

Encontrei lugar num canto afastado, rente à porta de serviço, e, enquanto comia a minha omeleta, já reconfortado, os batentes oscilantes abriam-se e fechavam-se, para trás e para diante, impelidos impacientemente pelos criados que vinham com as bandejas carregadas de iguarias. Aquilo de princípio constituiu um aperitivo para a minha fome, mas, depois de ter comido, fez-me atrasar a digestão: eram excessivas batatas fritas, demasiadas costeletas de porco. A mulher que se sentara próximo de mim ainda espetava feijões no garfo quando pedi café, e começou a conversar com a companheira acerca do custo da vida, sem fazer caso da pequenita que se encavalitara nos joelhos do pai e implorava que a deixassem ir aos *toilettes*. A palestra nunca cessava, e eu, dando-lhe atenção — é o melhor assunto para me distrair da História — fiquei outra vez abatido, como à chegada. Eu era um estrangeiro, nada tinha a ver com aquilo. Anos de estudo, anos de adestramento, a fluência com que falo a língua deles e ensino a sua História e o conhecimento que possuo da sua cultura jamais conseguiram fazer com que me aproximasse verdadeiramente do povo francês. Sentia-me acanhado e bastante consciente do meu isolamento. O saber que tenho é livresco e a experiência quotidiana não me aprofundou mais do que a um simples turista. O desejo de aprender pouco me tem servido, e o odor da terra, o brilho dos caminhos molhados, a pintura desmaiada dos postigos que me vedavam a inspeção dos interiores, a fachada pardacenta das casas onde nunca entrei, tudo significava quase uma censura, tudo me recordava a distância que nos separa. Outros talvez fossem capazes de abater as barreiras e forçar a entrada. Eu, não. Nunca seria francês, nunca seria um deles.

A família que estava perto de mim levantou-se e foi-se embora. Diminuiu o burburinho, adelgaçou-se o fumo, e os donos do restaurante instalaram-se atrás do balcão, para almoçar. Paguei, saí e andei sem fito pelas ruas. O passeio sem propósito, o meu olhar de curioso, o próprio traje que envergava — calças de flanela cinzenta, casaco de mescla muito usado — denunciavam-me como um inglês àquela turba de provincianos vindos ao mercado, que só procuravam comprar barato pares de botas pendentes dos atacadores, aventais de pintinhas, chinelas de corda, panelas e guarda-sóis. Riam raparigas que passavam de braço dado, com o cabelo recentemente frisado no cabeleireiro; detinham-se velhas, considerando, abanando a cabeça ao saberem o preço das toalhas de mesa, e iam-se depois embora sem comprar nada; rapazes bem barbeados, de roupa vistosa, olhavam as moças, da-

vam de cotovelo aos companheiros equilibrando o cigarro no lábio: e todos, ao findar o dia, regressariam felizes aos respectivos casebres. Eram seus os campos silenciosos, o gado que mugia e até a névoa que se elevava do chão empapado; e a lareira, na cozinha, um gato a beber leite ao lado de um berço, a avó a resmungar e o filho com um balde na mão, patinhando a lama do pátio.

Eu, entretanto sem objectivo, acabaria por chegar a um hotel e seria recebido como um deles — até que exhibisse o passaporte britânico. Seguir-se-iam então cumprimentos, sorrisos, todas as demonstrações de cortesia, com este esclarecimento proferido em voz penalizada: «Temos poucos hóspedes, a estação vai no fim... *Monsieur* terá de ficar sozinho na sua mesa.» Implícita isto a ideia de que eu preferiria emparceirar com um bando de compatriotas cordiais, desses que sobraçam máquinas fotográficas, mostram instantâneos uns aos outros, emprestam livros de algibeira e pedem o último número do *Daily Mail*. Aliás a gente do hotel, onde eu pernoitava, pouco mais sabia a meu respeito do que esses que eu cruzava nas ruas. Ignorava a minha vontade de ser do seu sangue, e instruído por eles, e de participar dos seus risos, aprofundar as suas tristezas, comer o seu pão.

Prossegui no meu passeio, a chuva tornou a cair, e os transeuntes recolheram-se às lojas ou foram abrigar-se nas viaturas. Ninguém divaga sob o dilúvio, a não ser que os seus negócios a tal o obriguem, como esses homens graves de chapéu de coco, que eu vi apressarem-se para a Prefeitura, com a pasta debaixo do braço, enquanto fiquei hesitando a uma esquina da Praça Aristide Briand. Entrei então na Igreja Notre-Dame-de-la-Couture ao lado da Prefeitura: estava deserta, ou quase, visto haver lá somente uma velha que chorava rezando, e uma rapariga, que apareceu depois e foi através da nave acender um círio diante de uma imagem pintada de azul. Sem saber como, a razão afundou-se-me num abismo de trevas e eu tive o sentimento de que, mais tarde ou mais cedo, me tomaria alcoólico ou morreria. A quem importava isso, no fim de contas? Não, com certeza, ao meu pequenino mundo exterior, aos poucos amigos que supunham conhecer-me bem; não aos meus superiores hierárquicos nem aos estudantes que ouviam as minhas preleções; não aos empregados do Museu Britânico, que benignos e corteses me davam os bons-dias ou as boas-tardes; não às sombras complacentes e tristes entre as quais eu vivia em Londres e me consideravam uma pessoa importante de trinta e oito anos, sossegada, respeitadora das leis e dos costumes. Mas importava decerto ao meu próprio eu, esse que dentro de mim reclama liberdade. Que havia ele de pensar da minha acção?

Não saberei dizer ao certo quem é, nem donde surgiu o indivíduo que habita dentro de mim, nem quais são as suas necessidades e desejos. Acostumei-me a não lhe dar satisfações, mas seria possível que ele soltasse uma gargalhada ou pronunciasse qualquer frase obscena. Não vive como eu, solitário, num quarto repleto de livros, não acorda todas as manhãs com a

sensação de não ter família nem outros laços humanos, nem mais interesses ou preocupações do que estudar a História de França e o idioma francês e fazer disso o seu ganha-pão.

É provável que, se o não houvesse aprisionado, ele pudesse rir, e arvorar-se em valentão, e lutar, e mentir. Talvez sofresse, e odiasse, e se fizesse cruel; ou matasse, e roubasse — se não preferisse abraçar causas perdidas, amar a humanidade seguir uma fé. Seja qual for a sua natureza, o caso é que sempre se tem coibido de tudo, por trás da insignificante fachada deste homem pálido, que se encontrava na Igreja de Notre-Dame-de-la-Couture à espera de que a chuva parasse, e acabasse o dia, e as férias terminassem, e voltasse o Outono, e se restabelecesse a rotina quotidiana, a sua baça existência londrina. Ah, se eu lhe abrisse a porta? Se o deixasse ser livre? Não havia uma resposta, a não ser, obviamente, beber uma garrafa de vinho no café, antes de reentrar no automóvel e tomar o rumo do Norte? Ali, na igreja deserta, havia outra alternativa: rezar. E com que fim? Decidir-me de uma vez para sempre a recolher à Trapa? A velha levantou-se e saiu, guardando o rosário na algibeira da saia. Já não chorava, ignoro se por se haver consolado ou se pelo motivo de lhe terem secado as lágrimas. Lembrei-me do mapa que tinha deixado no carro e no qual um círculo azul indicava o lugar do convento. Por que razão fizera eu aquela marca? Que esperava alcançar, apresentando-me ali? Chegar-me-ia a coragem para tocar a sineta e pedir hospitalidade?

Vim cá para fora, na peugada da velha, e experimentei o desejo súbito de lhe perguntar se estava doente, ou se perdera o marido, ou se tinha um filho moribundo, e se, depois da sua prece, lhe nascera nova esperança. Mas, quando transpus o limiar da porta, ela interpretou mal o meu olhar ansioso, tomando-o por compaixão de turista caritativo, e, mirando-me de esguelha, logo me estendeu a mão a pedir esmola. Dei-lhe duzentos francos, desprezando-me a mim próprio pela minha falta de espírito cristão. E afastei-me a toda a pressa, desiludido.

Já não chovia. O céu listrara-se de vermelho e as ruas molhadas cintilavam. As pessoas regressavam do trabalho, montadas em bicicletas. Contra o firmamento lavado, parecia mais negro o fumo que subia das chaminés da fábrica, lá para as bandas do bairro industrial.

Perdi por completo o sentido da direcção, enveredei por avenidas e ruas que não conduziam a parte nenhuma e eram lajeadas de muros altos, e compreendi que estava a ser insensato. Pensei, pois, que devia fazer uma destas coisas: ou ir buscar o carro e arranjar quarto no hotel do centro da cidade, onde passasse a noite, ou deixar imediatamente Le Mans e dirigir-me à la Grande-Trappe, através de Mortagne. Fiquei admirado ao deparar à minha frente a estação do caminho-de-ferro e lembrei-me de que a catedral, perto da qual deixara o automóvel, se situava exactamente no outro extremo da cidade. O mais indicado seria tomar um táxi mas apeteceu-me beber, antes,